



## **Greenpeace: Uma análise sobre as políticas de comunicação adotadas frente a energia nuclear<sup>1</sup>**

Eliane Del Sent<sup>2</sup>  
Janderle Rabaioli<sup>3</sup>  
Faculdade de Pato Branco – FADEP

### **Resumo**

Esse trabalho aborda as políticas de comunicação adotadas pelo *Greenpeace* frente à energia nuclear, um tema polêmico que tem acusadores e defensores em todo o mundo. Frente à situação, foram analisados os discursos de duas revistas que explanam sobre essa fonte de energia: uma produzida pela própria organização em novembro de 2007, a qual apresenta os posicionamentos defendidos pelos ambientalistas, e uma outra, *Super Interessante* de julho de 2007, que traz como matéria principal a energia nuclear, porém, na visão científica. O ponto inicial da análise é a capa das revistas, sendo feito um contraponto entre os discursos apresentados, buscando identificar as políticas de comunicação da organização não governamental. Além da discussão principal, o trabalho explica as origens do *Greenpeace*, contextualiza o Terceiro Setor e dá enfoque às organizações não governamentais.

**Palavras-chave:** Terceiro Setor; *Greenpeace*; Políticas de Comunicação; Energia Nuclear.

### **Introdução**

Se preocupar com o meio ambiente e com as formas de se obter energia não é mais nem um modismo contemporâneo lançado pela mídia. Enquanto a população começa a reconhecer os riscos e se preocupar com o planeta, discutir sobre a melhor forma de conseguir esse combustível para a vida humana se tornou tema para debate entre ambientalistas e cientistas.

Em meio a essas discussões, a energia nuclear passou a ser citada como uma das hipóteses para gerar energia sem prejudicar o meio ambiente, atraindo com isso, tanto defensores como protestantes sobre o assunto.

A partir dessa problemática, esse trabalho pretende estudar a postura adotada pelo *Greenpeace* em relação ao uso da energia nuclear, analisando as políticas de comunicação utilizadas por essa ONG ao defender o posicionamento contrário dos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Jornalismo, do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da FADEP – Faculdade de Pato Branco. E-mail: elidelsent@hotmail.com.

<sup>3</sup> Professor do curso de Comunicação Social da FADEP, Faculdade de Pato Branco. E-mail: rjanderle@hotmail.com.



ativistas a essa forma de energia, inclusive contrapondo a visão científica, para quem a energia nuclear é a força que poderá salvar a Terra do aquecimento global.

A presente pesquisa tem natureza bibliográfica, pois é desenvolvida com base em materiais já elaborados e publicados anteriormente por pesquisadores, porém traz uma nova visão sobre o tema em destaque, que trata a eficiência das políticas de comunicação adotadas pelo *Greenpeace*.

O método de procedimento adotado foi o estudo de caso, o qual, “parte do princípio que o estudo de um caso em profundidade pode ser considerado representativo de muitos outros ou mesmo de todos os casos semelhantes, esses casos podem ser individuais, instituições, grupo, comunidade” (GIL, 1999, p. 35).

Sendo uma pesquisa de cunho exploratório, que analisa a visão científica a partir da Revista Super Interessante, edição 241 de julho de 2007 e a visão ambientalista a partir de uma revista própria do *Greenpeace*, de novembro de 2007, o trabalho tem como finalidade a promoção de discussões e o entendimento do posicionamento adotado pelos lados estudados sobre a energia nuclear.

### **Da responsabilidade do Estado ao Terceiro Setor**

Há algumas décadas que a população acompanha o processo de mudanças sociais, políticas e econômicas que acontecem a sua volta. Diante dessas transformações aceleradas, é que a sociedade contemporânea está mais exigente em relação aos serviços executados pelo Estado - responsável pelas causas sociais, e das iniciativas de incentivo ofertadas pelo Mercado - que cuida das questões individuais.

Em meio a essas mudanças, os indivíduos decidiram lutar por um mundo melhor. Algumas ações levaram a criação de um novo setor, sendo uma iniciativa separada do Estado, que se caracteriza como Primeiro Setor, e do Mercado ou iniciativa privada, que é o Segundo Setor.

Diante da globalização e da luta contra as desigualdades sociais é que surge o Terceiro Setor. Seu funcionamento se dá através de instituições criadas, pelo setor privado, para suprir a ineficiência do Estado.

A razão de existência do Terceiro Setor reside no fato de este ser um setor da sociedade que possui um dinamismo e um conhecimento ímpares das necessidades específicas de uma comunidade, nível



inatingível pelo Estado centralizador e burocrático. Essas entidades exibem valores como confiabilidade, gestão eficiente, capacidade de atrair tanto a sociedade civil quanto as empresas privadas solidárias (CAMARGO, 2001, p.23).

Seguindo a ideologia do voluntarismo, as pessoas e empresas encontraram no Terceiro Setor uma maneira de colaborar com os interesses coletivos a partir das iniciativas individuais. “Na realidade, ele caracteriza-se por prestar atividade de interesse público, por iniciativa privada, sem fins lucrativos” (DI PIETRO, 2002, p. 413).

De acordo com Villas Boas Neto (2003), o termo “Terceiro Setor” foi traduzido do inglês (Third Sector). Mesmo que o termo tenha sido traduzido do inglês, o autor enfatiza que em cada local do mundo o Terceiro Setor possui raízes históricas quanto às suas origens, suas características e seus objetivos de atuação, provando o alcance e a pluralidade desse Setor através da organização voluntária dos movimentos sociais.

É importante esclarecer que este movimento não é homogêneo. Ao contrário, ele possui particularidades em cada uma das suas regiões de origem, conforme destaca Carolina Andion (1998): Estas organizações atuam em setores diversos tais como - saúde, educação, transporte, lazer, desenvolvimento urbano, proteção do meio ambiente, serviços domésticos, alimentação, etc. – e têm como objetivo principal a promoção social. Elas assumem também formas jurídicas diferenciadas (VILLAS BOAS NETO, 2003, p. 31).

Cada entidade que compõe o Terceiro Setor possui uma constituição específica e uma característica própria que a difere das demais, porém, o intuito de atuação de cada uma delas acaba voltando-se para a mesma finalidade. Dentre os formatos organizacionais que fazem parte deste Setor, estão as associações, as fundações, os sindicatos, as cooperativas, as igrejas, os institutos, as OSCIP's e, por fim, as organizações não governamentais, ONGs, que são o objeto de estudo desse trabalho.

### **As organizações não governamentais**

Após a Segunda Guerra Mundial, em 1950, a ONU (Organização das Nações Unidas) utilizou pela primeira vez o termo ONG, para definir toda organização da sociedade civil que não estivesse vinculada ao governo. De acordo com Maria Sylvia Zanella Di Pietro (2002, p. 419), organizações sociais,



são pessoas jurídicas de direito privado, sem fins lucrativos, instituídas por iniciativa de particulares, para desempenhar serviços sociais não exclusivos do Estado, com incentivo e fiscalização pelo Poder Público, mediante vínculo jurídico instituído por meio de contrato de gestão.

São entidades que lutam por uma sociedade justa, que se firmam em valores democráticos, que dão importância a vontade coletiva e trabalham em prol do lema escolhido pela organização, sem visar lucros. Seguindo o mesmo prisma, Alexandre Ciconello (2008) define o termo ONG, no qual comprova que as organizações não-governamentais pertencem ao Terceiro Setor.

As Organizações não governamentais (ou também chamadas de organizações não governamentais sem fins lucrativos), também conhecidas pelo acrônimo ONG, são associações do terceiro sector, da sociedade civil, que se declaram com finalidades públicas e sem fins lucrativos, que desenvolvem ações em diferentes áreas e que, geralmente, mobilizam a opinião pública e o apoio da população para modificar determinados aspectos da sociedade (CICONELLO, 2008).

Dentre as definições existentes para conceituar as ONGs, é importante fazer uma ressalva no que diz respeito a sua constituição.

As ONGs não existem como personalidade jurídica, legalmente são registradas como sociedades civis sem fins lucrativos (associações) ou como fundações, são reconhecidas juridicamente no Código Civil Brasileiro (Lei n.3.107 de 01/01/1916) como pessoas jurídicas de direito privado. (TENÓRIO apud VILLAS BOAS NETO, 2003, p. 50).

Segundo a legislação brasileira, apenas três formatos institucionais podem ser utilizados para a constituição de uma organização sem fins lucrativos - associação, fundação e organização religiosa. Nesse contexto, pode-se afirmar que juridicamente toda ONG é uma associação civil ou uma fundação privada.

No Brasil, as ONGs, surgiram na segunda metade dos anos 70, tendo os anos 80 como período de expansão e crescimento na história política brasileira. Época marcada por um processo de participação da população em movimentos sociais no Brasil, onde se lutava pela defesa dos direitos e pela democracia, tanto política quanto social.

Com o passar dos anos, as ONGs foram ganhando mais espaço e mais credibilidade pelos serviços prestados a sociedade. Em meio à existência das inúmeras



organizações não-governamentais, em 1971 surge o *Greenpeace*, uma ONG que se tornou uma referência mundial no que diz respeito ao Terceiro Setor e a luta pelo meio ambiente.

### **A paz verde**

Sendo uma organização não governamental e sem fins lucrativos, o *Greenpeace* não recebe subvenções do governo ou contribuições de pessoas jurídicas, e conta apenas com contribuições feitas por pessoas físicas preocupadas em ajudar, como também, em pequena escala, com a renda dos produtos que usam a marca da organização. É o que site da Organização passa aos interlocutores.

O *Greenpeace* é uma instituição sem fins lucrativos e independente, por isso não aceita doações de governos, empresas ou partidos políticos. Nosso trabalho existe graças à contribuição de milhões de colaboradores em todo o mundo, que garantem nossa independência e o nosso compromisso exclusivo com os indivíduos e com a sociedade civil. A independência política e econômica permite que o *Greenpeace* assuma riscos e confronte nossos alvos. Esta característica também assegura nossa liberdade de posicionamento e de expressão. Assim, nós também estimulamos o uso racional e efetivo dos recursos disponibilizados. A transparência é o que nos dá autoridade e credibilidade (NOSSOS..., 2008).

Com essa ideologia, a trajetória do *Greenpeace* iniciou no dia 15 de setembro de 1971, quando um grupo de jornalistas e ecologistas americanos resolveu sair de Vancouver, Canadá e atravessar a fronteira dos Estados Unidos para protestar contra os testes nucleares dos EUA na região. No barco havia duas bandeiras: uma da ONU (representando o internacionalismo dos tripulantes) e outra que juntava as palavras *Green – Peace* (na busca pela defesa do meio ambiente e da paz).

Sendo assim, há 37 anos os ativistas vêm pregando essa idéia de mobilizar a sociedade e incentivar a mudança das atitudes e dos comportamentos quanto ao meio ambiente. Inspirando as pessoas em defender essa causa, “o *Greenpeace* está presente hoje em mais de 40 países e conta com a colaboração de aproximadamente 3 milhões de pessoas”. (QUEM..., 2008)

Além de estar frequentemente em destaque nos meios de comunicação de massa, pela atuação e pelas propostas desenvolvidas, o *Greenpeace* utiliza veículos de comunicação próprios, como *website* e revistas trimestrais para apresentar suas metas e



realizações, onde é possível perceber que a organização possui uma política de comunicação interna e externa, preza pela prestação de contas e pela apresentação de notícias, conseguindo manter sua credibilidade perante a sociedade e mostrando toda a sua transparência enquanto organização não governamental.

É uma espécie de investimento para evidenciar o trabalho desenvolvido e o serviço de conscientização, que ao invés de agregar valor à marca ou de agir com o propósito de venda, pretende mudar o comportamento das pessoas na esfera da transformação social.

Assim, encaramos o termo ‘marketing para organizações não-governamentais’ não como um novo conceito, mas sim como um novo olhar que busca captar conceitos e práticas utilizadas no marketing tradicional, no marketing social e no marketing para causas sociais (...) Tendo como meta final a estratégia de mudança de comportamentos e de atitudes que buscam gerar transformações e impactos sociais importantes. (VILLAS BOAS NETO, 2003, p. 71)

Com o intuito de persuadir e despertar o espírito de conscientização nas pessoas é necessário ter em mente a importância da comunicação nos dias de hoje. É através dela que pode ser repassado ao público interlocutor, informações, conhecimentos e bons argumentos para convencê-los de tal proposta. Muitas instituições optam por estabelecer uma política de comunicação como fator de viabilização dos objetivos traçados.

### **Políticas de comunicação**

O significado para as palavras “política” e “comunicação”, de forma separada, seguem caminhos diferentes, mas na união dos termos cria-se uma nova realidade cultural, as então chamadas, políticas de comunicação.

Segundo Sérgio Capparelli,

a passagem de uma ditadura militar de 20 anos para uma democracia no início dos anos 80 trouxe novas preocupações ao campo da política e da comunicação; da mesma forma, o enfraquecimento do Estado e o fenômeno da globalização trouxeram perspectivas novas para as análises tanto da política quanto da comunicação (DAS POLÍTICAS...,2008).



Observando o percurso histórico, percebe-se que a partir da nova forma de governo criou-se uma relação entre a comunicação e a política, possibilitando um novo cenário, diferenciado do que se via no sistema autoritário de governo.

Não somente na esfera política - enquanto forma de governo, que se percebeu a necessidade de aliar um fator ao outro. Algumas empresas e instituições adotaram determinadas políticas de comunicação como aspecto estratégico para uma comunicação empresarial de sucesso. Através delas, é possível demonstrar o posicionamento, os objetivos, as regras e normas seguidas pela instituição, apresentando as influências das políticas de comunicação diretamente sobre a empresa e, posteriormente, sobre a sociedade. Outras instituições, porém, ainda não conseguiram aliar a importância da comunicação dentro do contexto institucional.

Paulo Nassar (2008, p. 01) sustenta essa idéia, de que “no mundo da comunicação das empresas e instituições, pouco se pensa sobre os conceitos ‘política de comunicação’, ‘plano de comunicação’ e ‘ações de comunicação’”.

Segundo o autor, essa falta de interesse pelos termos mencionados acima ainda tem como causa principal o posicionamento adotado pelas empresas, que na maioria das vezes só se preocupam em resolver os problemas cotidianos e deixam de refletir sobre os possíveis planos estratégicos, que poderiam ser utilizados na comunicação empresarial para fortalecer a imagem organizacional e o relacionamento com o público.

Seguindo essa linha de raciocínio, o autor explica no texto que a comunicação acaba sendo “politicamente um elemento de reação ao ambiente e não um elemento do pensamento organizacional”. A partir disso, entende-se, que em alguns casos, a comunicação nem sempre está sendo tratada da maneira correta dentro das empresas; e que quando poderiam ser usadas como fator de harmonização entre a empresa e a sociedade, acabam apenas sendo usadas nos assuntos que interessam a própria administração.

O uso da comunicação como ferramenta estratégica é um desafio que muitas empresas deveriam assumir. Estabelecer uma política de comunicação, destacando os objetivos da instituição, os valores, a missão, a visão da empresa; planejando ações e buscando inovações através das estratégias organizacionais.

Na produção das políticas de comunicação, a organização deve expressar seus valores e suas crenças acerca de suas mensagens, direcionadas à sociedade. Entre os valores de suas mensagens, a organização pode optar entre transparência e opacidade, pro atividade



e reatividade, distância e conveniência, padronização e diversidade, entre morosidade e velocidade. (NASSAR, 2008, p. 03-04).

A partir dos conceitos estabelecidos, o objeto de estudo deste artigo passa a ser as políticas de comunicação utilizadas pelo *Greenpeace* e os posicionamentos adotados por esta ONG frente à energia nuclear. Uma análise de como a Organização segue sua visão e seus valores, independente do que a ciência vem descobrindo e outros veículos de comunicação vêm divulgando sobre essa fonte de energia.

### **Energia Nuclear: Processo de funcionamento**

Inevitável falar sobre energia nuclear sem lembrar do desastre ocorrido no dia 26 de abril de 1986 em Chernobyl, Ucrânia, ou associar às bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki. Esses casos são os principais formadores da opinião pública, quando se acredita que essa fonte de energia não passa de um vilão na história da humanidade. Porém, não só de desgraças se sustenta o contexto da energia nuclear.

Pesquisas como a apresentada na Revista Super Interessante, de julho de 2007<sup>4</sup>, apontam que está na hora de rever os conceitos seguidos há tanto tempo sobre a energia nuclear, principalmente quando o maior problema hoje é o aquecimento global, uma consequência vinda das tradicionais fontes de energia, que emitem gás carbônico na atmosfera e causam o efeito estufa. Mas afinal, como funciona a energia nuclear? O que a difere das demais fontes de energia?

Ao falar em energia nuclear é importante saber que o elemento químico de maior responsabilidade pelo seu funcionamento é o urânio. Tudo começa com a mineração desse elemento, que é extraído do solo e após isso, convertido em pó amarelo, chamado de *yellow cake*. Na sequência, o urânio passa por uma mineração e é convertido em gás; esse gás é enriquecido para aumentar a concentração de urânio. Passado esse processo, o gás é reconvertido para a forma sólida e transformado em pastilhas, que são utilizadas como combustível nos reatores das usinas. Nesses reatores, os átomos de urânio se dividem, liberando nêutrons; É uma reação em cadeia que gera a liberação de energia, que aquece o reservatório de água, cujo vapor faz a turbina rodar, gerando eletricidade (O CICLO..., 2008).

---

<sup>4</sup> Revista Super Interessante, edição 241 de julho de 2007. Energia Nuclear – Esse vilão pode salvar a Terra.



A quebra do átomo, denominada fissão nuclear, é a forma de liberar grandes quantidades de energia artificialmente. É quando o átomo é atingido por um nêutron que divide o seu núcleo em dois novos núcleos, menores. Com o surgimento desses novos nêutrons, aumenta a possibilidade de um deles encontrar outro núcleo do elemento químico em processo, liberando assim muito calor. É nesse período que começa a reação em cadeia, momento que as usinas nucleares geram eletricidade.

Mas, antes mesmo de começar o processo de geração desta energia, se inicia o processo de questionamentos entre os pontos positivos e negativos sobre ela, sustentados por diferentes versões e visões de análise, o que resultará na discussão deste artigo.

### Cientistas x Ambientalistas

Falar sobre energia nuclear, por si só já é um assunto polêmico. Confrontar opiniões entre ambientalistas e cientistas é mais complicado que se pode esperar. Cada lado procura apresentar o maior número de argumentos favoráveis ao posicionamento adotado. Esse fato pode ser percebido na capa de duas revistas: a Super Interessante, edição 241 de julho de 2007 e na revista produzida pelo *Greenpeace*, de novembro de 2007.



Figura 1: Capa da revista Super Interessante, edição 241 de Jul 2007.

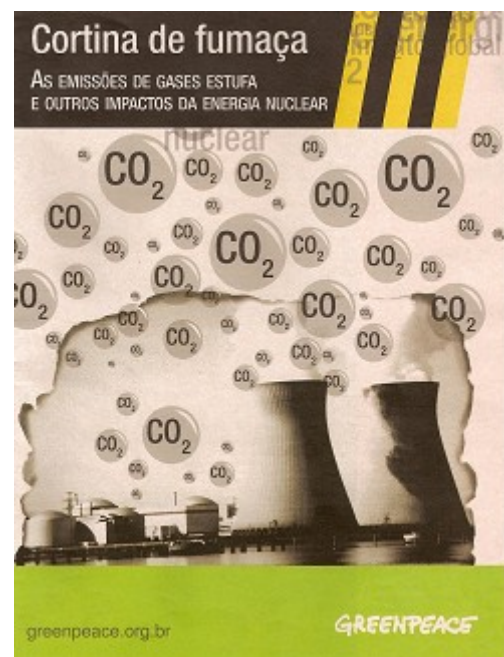


Figura 2: Capa da revista Greenpeace de novembro de 2007.

A análise inicia nos títulos das capas apresentadas, pois estes são elementos essenciais para captação da atenção do leitor. Os títulos de chamada na capa das duas revistas provam que as matérias apresentarão posicionamentos divergentes sobre o tema em pauta.

A *Super Interessante* apresenta em letras grandes e maiúsculas “ENERGIA NUCLEAR” já com o intuito de chamar a atenção do leitor sobre o assunto principal da edição. A gravata do título afirma: “Esse vilão pode salvar a Terra”, apontando a discussão que será seguida na reportagem especial sobre essa fonte de energia. Quando usa a palavra “vilão”, já se refere a forma de como essa energia geralmente é vista pela maioria das pessoas, e quando afirma que ela pode salvar o planeta, abre um espaço para que a população conheça o outro lado dessa história.

Completando a chamada, a revista cita: “A incrível história de como o inimigo nº 1 dos ecologistas virou a maior esperança da ciência contra o aquecimento global”. Nesse trecho apresenta-se um dos motivos pelos quais a reportagem vai discorrer sobre o assunto, explicando por que a ciência aprova o uso da energia nuclear e apresentando os pontos positivos para justificar o posicionamento seguido.

Ao analisar a capa produzida pelo *Greenpeace*, percebe-se que a realidade é outra. O título apresentado: “Cortina de fumaça – As emissões de gases estufas e outros impactos da energia nuclear” vai totalmente contra os princípios apresentados pela revista *Super Interessante*, pois, o material da ONG tem como principal objetivo apresentar os pontos negativos ocasionados por essa fonte de energia.

Quando citam “a emissão de gases estufa” é para demonstrar o ponto de vista adotado pelos ambientalistas sobre esse aspecto a partir da energia nuclear, sendo que, a energia nuclear do ponto de vista científico, não ocasiona o gás estufa, pela não emissão de CO<sub>2</sub> na atmosfera, o principal causador do aquecimento global.

Os títulos isolados são uma forma de perceber que cada um dos veículos aborda o assunto de maneira distinta e apresenta os benefícios e as desvantagens da energia nuclear. Outra característica que pode ser analisada e que também mostra essa diferença são as imagens e as cores utilizadas na capa dessas revistas.

Como a *Super Interessante*, nesta edição, defende os pontos positivos dessa fonte de energia, sustentando a idéia de que a energia nuclear não é constituída só por pontos negativos, a mesma procurou fazer a capa mais “alegre” possível. Com cores fortes e vivas, demonstrou através do colorido a imagem do Sr. Burns, personagem do desenho

animado Os Simpsons, que segundo a própria Super Interessante, “foi criado numa época em que a energia nuclear era símbolo de mal absoluto”. Com o passar do tempo e com a ciência fazendo descobertas, o Sr. Burns aparece na capa sorridente apresentando a sua usina nuclear, com ar de satisfação por ela ser uma das opções para poder salvar o planeta.

Já na revista do *Greenpeace*, as cores utilizadas remetem a sensação de poluição. A foto de uma usina nuclear em preto e branco, com uma fumaça imensa composta por bolhas de CO<sub>2</sub>, passam a idéia de que a usina nuclear está poluindo o meio ambiente.

Com uma faixa preta na parte superior da folha onde foi escrito o título, há uma espécie de listrado no final dessa faixa com as cores preto e amarelo. Essas cores são utilizadas no símbolo da radioatividade, que significa um sinal de alerta para as pessoas se manterem afastadas dos locais que encontrarem essa simbologia, associando assim, esse significado à usina exposta na capa.

Abaixo da figura em preto e branco da usina, há uma faixa verde onde está escrito o nome da Organização em letras brancas. Uma forma de mostrar que lutam pela paz no meio ambiente e que não concordam com fontes sujas de energia.

Outro fator que pode ser analisado é o posicionamento adotado pelas revistas enquanto veículos de comunicação.

Na matéria composta por 10 páginas apresentada na Super Interessante, a revista explica através do texto e infográficos, o processo de geração de energia nas usinas nucleares, faz um resgate histórico dos trágicos acidentes nucleares, apresenta um panorama entre as fontes de energia existentes, como a nuclear, termoeletrica, biomassa, hidrelétrica, eólica e solar, ressaltando os pontos fortes e fracos de cada uma delas.

Além disso, a revista expõe pontos negativos também existentes na energia nuclear fazendo um contraponto com o posicionamento adotado pelos cientistas que acreditam que essa fonte de energia ainda pode salvar a Terra.

A revista Super Interessante enquanto veículo de comunicação cumpre seu papel informando o leitor e sendo imparcial no ponto de vista, apresentando visões distintas sobre as formas de energia. Traz explicações sobre as vantagens e desvantagens em relação à energia nuclear, dando ênfase aos pontos positivos por se tratar de uma descoberta científica e que é de interesse público.

A revista do *Greenpeace* possui 24 páginas, todas relacionadas à energia nuclear. Nesse caso, a revista é um produto institucional de uma organização que possui uma missão bem clara, a defesa pelo meio ambiente.



Como os ambientalistas são contras essa forma de energia, a revista apresenta aspectos negativos sobre a energia nuclear, tentando convencer os leitores a irem de encontro as suas idéias.

Esse produto também explicou como funciona uma usina nuclear, as etapas e o ciclo que deve ser seguido para o funcionamento, sempre expondo os pontos negativos ocasionados por ela.

Percebe-se a política de comunicação de cada um dos veículos também na relação dos pontos positivos defendidos pelos cientistas, e dos pontos negativos, seguidos pelos ambientalistas do *Greenpeace*, e que estão apresentados nas matérias destas revistas.

### **O discurso científico sobre a energia nuclear**

Mesmo sabendo dos riscos que a energia nuclear pode ocasionar ao meio ambiente através da radioatividade do urânio e com um histórico trágico em alguns acidentes nucleares ocorridos, os cientistas expõem que os acidentes só aconteceram por falhas nos procedimentos de segurança das usinas e por erros no projeto dos reatores. Segundo eles, com o passar do tempo, as usinas se modernizaram tanto na questão da segurança e do controle dos resíduos radioativos por elas produzidos, que tornaram-se um dos setores mais seguros para se trabalhar. “Apesar de graves, os acidentes nucleares são muito raros e causam bem menos mortes do que se costuma imaginar”. (SUPER..., 2007)

Mas a principal defesa que sustenta a aceitação da energia nuclear, se baseia no fato da emissão do gás carbônico ocasionado por fontes tradicionais de energia, que produzem o efeito estufa. Cientistas afirmam que “enquanto muitas pessoas continuavam amedrontadas diante das centrais atômicas, o aumento da emissão de dióxido de carbono na atmosfera teve um efeito muito pior, colocando o planeta agora à beira de uma catástrofe climática”. Com isso, acreditam que a energia nuclear teria sido menos danosa ao meio ambiente e pelo fato de não emitir dióxido de carbono, está na hora de expandir essa fonte de energia como alternativa de aperfeiçoamento no setor energético.

Além disso, explicam que o urânio, combustível das usinas, tem um baixo custo e que a expansão das usinas nucleares é representativa no mundo todo, como na França, Bélgica, Japão, Coréia do Sul, Estados Unidos e Alemanha.

Quando questionados das fontes renováveis como a energia eólica e solar, os cientistas acreditam que como estão ligadas a natureza, são limitados por ela, e que seria “loucura sustentar a matriz energética de um país em sistemas eólicos e solares, como o *Greenpeace* propõe”.

Sobre o lixo atômico apontam que por enquanto não há um fim definitivo, mas acreditam que é melhor deixar enterrado do que emitir CO<sub>2</sub> na atmosfera. Em relação às bombas nucleares que podem ser originadas a partir desse lixo, afirmam que existe uma inspeção mundial feita pela Agência Internacional de Energia Atômica que garante a fiscalização e a finalidade única para fins pacíficos, na produção de energia nas usinas nucleares.

### **O discurso ambientalista sobre a energia nuclear**

Os ambientalistas acreditam que o setor nuclear está usando o aquecimento global como estratégia para convencer a população de que a energia nuclear é uma fonte limpa e segura e fazer com que esqueçam das tragédias já registradas a partir dela. Ainda que as chances de acidentes nucleares tenham sido minimizadas com o tempo, não deixam de usar os desastres como ponto fraco à utilização dessa energia

Outro fator defendido pelos ambientalistas é que a energia nuclear não é livre da emissão de dióxido de carbono. “A contabilização do CO<sub>2</sub> deve ser considerada em cada parte da cadeia energética, desde a obtenção de energia primária até a produção de energia final”. (GREENPEACE..., 2007)

Segundo eles, as etapas para gerar a energia fazem parte do processo que deve ser analisado, desde tratamento e transporte do urânio até a construção e a operação das usinas, formas indiretas de emitir o dióxido de carbono e provocar o efeito estufa, motivo pelo qual, defendem a utilização de fontes limpas e renováveis de energia.

Além disso, são contras a energia nuclear pela demora e o alto custo para a construção das usinas, alegando que “esse tipo de energia não é a solução para a redução imediata de emissão de gases de efeito estufa”.

Outro aspecto negativo evidenciado pelos ambientalistas é o a falta de solução para armazenamento do lixo radioativo, os impactos ambientais e a possível utilização da energia nuclear para fins bélicos.



## Considerações finais

A partir disso, percebe-se que o *Greenpeace* enquanto instituição segue políticas de comunicação pré-estabelecidas para garantir os seus objetivos traçados. A organização que luta pela biodiversidade e faz campanhas contra mudanças climáticas, organismos geneticamente modificados e contra a energia nuclear, produz materiais próprios embasados nos ideais seguidos, tentando persuadir e convencer as pessoas a adotarem os seus pensamentos na luta pelo meio ambiente.

Segundo Paulo Nassar (2008, p.02) quando se refere a ações estratégicas dentro das políticas de comunicação, acredita que “a estratégia elabora o plano de guerra, delinea o rumo proposto para as várias campanhas que a compõem e prevê as batalhas a serem travadas em cada campanha”. O autor ainda completa que “podemos pensar, então, que a direção é o território da política, que norteia elementos como missão, visão e identidade organizacional que, por sua vez, dão sentido às ações, aos recursos e ao tempo” (NASSAR, 2008, p.03).

Fato esse, que justifica o posicionamento seguido pelo *Greenpeace* tanto nas revistas produzidas, como no site da instituição ou nos demais veículos de comunicação que se pronunciam sobre as atividades desenvolvidas por essa ONG.

De acordo com o site do *Greenpeace*, pode-se constatar que o intuito dessa organização é justamente a luta constante pelo meio ambiente e a mobilização em conseguir mudar a atitude e o comportamento das pessoas, tornando-as fiéis defensores pelo bem do planeta.

Seguindo esse objetivo, sempre que há alguma denúncia de agressão ao meio ambiente, o *Greenpeace* procura investigar o caso e analisar todas as situações para posterior divulgação de descobertas e manifestações de alerta para que a população tenha conhecimento sobre o assunto.

Outra política adotada pelos ativistas é o confronto não violento com os agentes da agressão. Geralmente por meio de protestos, os ativistas se fazem presentes no local denunciado e provam fidelidade à organização, inspirando as pessoas a defenderem o meio ambiente.

Comprometidos com os casos, os ativistas vão além das manifestações, propondo sempre alternativas viáveis e justas para solucionar os problemas.

Através dessas ações contata-se que o *Greenpeace* possui uma estratégia para a mobilização pretendida. A organização age com protestos, dispõe de recursos e tempo



para lutar por causas que são fatores resultantes da missão, da visão e, como aponta Nassar (2008), da identidade organizacional, que compõem as suas políticas de comunicação.

A fidelidade seguida no que tange os princípios defendidos pelo *Greenpeace*, é um fator importante que contribuiu na conquista de tantos voluntários no mundo todo, e acima de tudo, no espaço e respeito que essa organização conseguiu junto à sociedade, ressaltando, sem visar fins lucrativos.

## Referências

- DI PIETRO, Maria Sylvia Zanella. **Direito Administrativo**. 14. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- NETO, A. V. B.; STEFANI, M.; PEZZI, S. J. **Gestão de Marketing para organizações do Terceiro Setor – Público – Privado – Terceiro Setor**. Londrina: Midiograf, 2003.
- CAMARGO, M. F. de. et al. **Gestão do Terceiro Setor no Brasil – Estratégias de captação de recursos para organizações sem fins lucrativos**. São Paulo: Futura, 2001.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- CICONELLO, Alexandre. **O que é uma ONG?** Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais. Disponível em: <http://www.abong.org.br/>. Acesso em: 23 de maio de 2008.
- CAPPARELLI, Sérgio. **Das políticas de comunicação à comunicação políticas**. Disponível em: [http://www.robertexto.com/archivo7/politica\\_comunicacao.htm](http://www.robertexto.com/archivo7/politica_comunicacao.htm). Acesso em: 27/10/2008.
- NASSAR, Paulo. **Política e Comunicação – A comunicação com pensamento**. Disponível em: <http://www.reddircom.org/textos/nassar.pdf>. Acesso em 28/10/2008.
- GREENPEACE BRASIL**. [www.greenpeace.org.br](http://www.greenpeace.org.br)
- O CICLO do urânio**. Disponível em: <http://www.greenpeace.org/brasil/nuclear/ciclo-do-perigo/ciclo-do-perigo-proteste>. Acesso em 06/11/2008.
- NOSSOS valores**. Disponível em: <http://www.greenpeace.org/brasil/quemsomos/nossos-valores>. Acesso em 06/11/2008.
- QUANDO surgiu o Greenpeace**. Disponível em: <http://www.greenpeace.org/brasil/tire-suas-duvidas/institucional>. Acesso em 06/11/2008.
- QUEM somos**. Disponível em <http://www.greenpeace.org/brasil/quemsomos/>. Acesso em 06/11/2008.
- SUPER INTERESSANTE**. Energia Nuclear - Esse vilão pode salvar a Terra. Ed.241, jul 2007.
- GREENPEACE**. Cortina de Fumaça. 2.ed., Nov 2007.